

Lourenço Mutarelli
Mauro Tule Cornelli
Oliver Mulato
&
Raimundo Maria Silva
O GRIFO DE ABDERA



Sumário

- I. O livro do fantasma, 9
- II. O livro do duplo, 105
- III. O livro do livro, 191

I. O livro do fantasma

1

As pernas verdes do Diabo

Sabe, Paul, se você tivesse tempo, eu gostaria de te contar uma história.

Eu adoraria ouvir, George, mas você sabe, a nave está de partida.

Sim, Paul, eu sei.

Só me diz uma coisa, George, sobre o que seria a história?

A sua história, Paul. Eu contaria a sua história real.

Então ecoa o sinal. Um longo e melancólico apito.

Paul sobe a rampa de lançamento sem olhar para trás.

Eu sabia que nunca mais nos veríamos.

Fim.

Havia em Marselha em 1906, ou 1907, um menino chamado Nanaqui. Na realidade seu nome era Antonin Artaud e “morreu” no manicômio de Ville-Evrard em agosto de 1939, aos quarenta e dois anos. Morrer aos quarenta e dois anos não é nenhum milagre e todos viram sair do manicômio de Ville-Evrard o cadáver de Antonin Artaud, o milagre é que depois desse crime o mundo tenha continuado, e sobretudo que alguém tenha podido ocupar o lugar de Antonin Artaud e assumir sua dor. Esse alguém se chama Antonin Nalpas, tal como foi comunicado por Deus na quinta-feira à noite.

Antonin Artaud, o dramaturgo, ator, diretor, escritor, autor de *O teatro e seu duplo*, escreveu isso num manicômio durante uma de suas internações. Srinivasa Ramanujan, o brilhante matemático indiano, quando tinha dezenove anos, deixou em seu diário esta estranha anotação: “Sou Srinivasa Ramanujan e ao mesmo tempo John Melvin Cyphers”. Na noite de 10 de junho de 1919, em Londres, George Jones, de sessenta anos,

vagava ensanguentado pelas ruas. Um grupo de pessoas o socorreu e o levou ao hospital. Jones andava como se estivesse em transe e, apesar de ter levado seis facadas, três no peito e três no pescoço, agia como se não se desse conta disso. Passou três dias no hospital antes de morrer. Lá ele relatou a um dos médicos que o assistia que, embora fosse George Jones e tivesse nascido em Essex em 1859, ele também era Ulrich Kahlweiss, um garoto alemão de onze anos que vivia em Bonn. Isso sem falar no famoso caso de Nikola Tesla, que reencontrou seu amor numa pomba.

Esta é uma daquelas histórias que não dá pra começar do começo. E, ainda que este seja meu vigésimo livro, pela primeira vez escrevo uma história real.

Se alguém me desse ouvidos, saberia que, embora eu seja eu, também sou, ao mesmo tempo, Oliver Mulato. Oliver tem quarenta e oito anos e é professor de educação física. Eu me chamo Mauro Tule Cornelli e tenho quarenta e nove anos. Sei que isso pode parecer duro de engolir, mas vamos lá.

Oliver teve sua vida destruída por minha interferência. Isso se deu de forma involuntária, inexplicável, e sem o meu conhecimento. Mas ele está a ponto de recomeçá-la e eu estou realmente empenhado em ajudá-lo. Quanto a mim, eu não soube aproveitar minha vida. Plantei, mas outros colheram os frutos. Oliver voltará a lecionar na próxima segunda-feira num coleginho de merda no bairro da Pompeia, São Paulo. Eu sou escritor. Fui escritor a vida inteira. Nunca tive nenhuma inclinação para os esportes. Nem nadar eu sei. Sequer consegui aprender a andar de bicicleta. Jamais gostei de futebol. Mesmo assim, agora sou eu e, de algum modo, sou esse que dará aulas de educação física no colégio FASES, que fica na rua Padre Chico, 523.

O mais curioso é que agora, neste exato momento, Oliver Mulato está no metrô terminando de ler “Uma Ocasão Exterior”, meu último livro, recém-publicado. O único livro que escrevi usando o meu nome verdadeiro. Ter um pseudônimo é ser dois ao mesmo tempo também. Principalmente no meu caso. Porque eu dividia meu pseudônimo com um desenhista. Acho que aqui pode ser o início.

Tirando “Uma Ocasão Exterior”, nenhum dos meus livros traz uma foto minha. Quando comecei a escrever, fazia roteiros para histórias em quadrinhos e, no dia em que a editora pediu uma foto para divulgação, eu tremi na base. Sou um cara tímido. Não achava relevante ter minha cara com a mão no queixo estampada em meus livros. Então, nesse dia em que J. Carlos, meu primeiro editor, pediu a tal foto, me ocorreu uma ideia. Mas isso também não tem nada a ver com o início da história.

O início é Oliver lendo o meu livro no metrô, a caminho do colégio FASES, onde vai entregar os últimos documentos pendentes para poder começar a dar aulas já na próxima segunda, depois de passar quase um ano desempregado. Ele termina “Uma Ocasão Exterior” com os olhos marejados. Está emocionado. Está na Linha Verde. Está na estação Trianon-Masp. Oliver fecha o livro e olha ao redor. Sente compaixão pela humanidade porque o meu livro o fez sentir isso agora.

Meus livros não eram assim otimistas quando assinava com pseudônimo. Oliver repara na moça torta que está sentada a seu lado escrevendo compulsivamente. Ele se esforça, mas não consegue entender sua letra. Vê o velho de pé olhando feio para uma gorducha que finge não perceber a presença dele fingindo que lê algo no celular para não ter que deixar o assento azul. Vê outras pessoas e as entende. Sente por elas.

É assim, às vezes somos muitos. Na estação Sumaré ele guarda o livro no envelope e se levanta. Embora vá descer na

Vila Madalena, sabe que tem que estar a postos junto à porta para conseguir sair do trem. De nada adianta o aviso escrito no chão que pede às pessoas que façam um grande gesto e esperem primeiro os passageiros descerem para depois embarcarem. É preciso abrir caminho entre eles. Talvez, se as pessoas lessem mais livros, teriam mais compaixão com o próximo. Entenderiam que estamos no mesmo barco ou, como metaforizei em “Uma Ocasão Exterior”, na mesma nave.

Oliver veste agasalho Adidas, como todo bom professor de educação física, e carrega um envelope com os tais documentos pendentes. Ele teria sido titular da seleção de voleibol não fosse a contusão que sofreu. Isso o levou a dar aulas. Ele odeia dar aulas. Mas aguentava seu ofício enquanto lecionava no Lycée Louis-le-Grand, uma importante escola para filhos de ricos, e recebia um salário até que bom.

Martha, sua ex-mulher, ganhava o triplo como gerente administrativa de um laboratório multinacional da indústria farmacêutica. Viviam uma vida confortável. Juntos têm um filho de vinte e cinco anos que os odeia e se chama Bruno. Tudo o que Bruno quer da vida é fumar maconha e ouvir reggae. Mas, como eu disse, tudo ia bem. Até o Diabo mostrar suas verdes pernas.

Quando jovem, Oliver se dava bem com a mulherada. Era um cara descontraído e comunicativo. E aqueles que não o invejavam, adoravam a sua companhia. Até o dia em que seu joelho se chocou violentamente contra o chão. Foi durante uma partida. Oliver tinha vinte e dois anos. A partir daí nasce outro Oliver. Ele se submeteu a duas cirurgias no joelho. A segunda, na verdade, foi para consertar a cagada que fizeram na primeira.

Logo depois da segunda operação, Oliver conheceu Martha. Martha é uma mulher forte. Foi a primeira mulher que

Oliver precisou batalhar para conquistar. E o pior foi que isso se deu num momento em que sua autoestima estava abalada.

Sem jogar, e depois de ficar um bom tempo trancado em casa se recuperando, aquele cara extrovertido começou a ter uma vida mais interna. Como passou muitos meses de cama, com a perna pra cima, Oliver desenvolveu o hábito de ler e desenhar. E os livros acabaram convencendo Oliver de que a vida não deve ser celebrada.

Talvez por isso trago em meu último livro, “Uma Ocasão Exterior”, uma mensagem mais esperançosa. De alguma forma, a leitura e o desenho o foram silenciando. Oliver não era de falar muito até nossas vidas se cruzarem de maneira misteriosa. Martha gostava de um rapaz chamado Máximo. Mas, com perdão do trocadilho, Máximo não lhe dava a mínima. Cansada, ela resolveu ceder aos apelos do garoto que tinha sido uma promessa nos desportos e agora se arrastava em muletas.

No terceiro encontro íntimo Martha engravidou. Casaram e viveram juntos até as vésperas das bodas de prata. No ano passado, Martha o deixou. No ano passado Oliver perdeu um dente da frente. No ano passado Oliver foi demitido. No ano passado Oliver trocou tudo o que tinha por um quarto de pensão na rua França Pinto, Vila Mariana. Nem banheiro havia no quarto.

E no ano passado, no mesmo instante em que Oliver começou a *hablar español* e reproduzir frames de filmes pornôs alemães e franceses, eu fui abordado por um estranho que me entregou uma moeda dizendo que estava pagando uma dívida milenar.

Apesar do protagonista desta história ser Oliver, vou ter que falar de mim muitas vezes. Afinal, eu também sou ele. E, embora as pessoas não percebam, nós somos idênticos. Isso me espanta. Somos fisicamente idênticos e ninguém se dá conta disso.

Não sei se sempre foi assim. Não tinha a consciência de meu duplo até o cochilo que dei depois de comer uma omelete. Então, vamos lá:

Há muitos anos tomo meu café da manhã no Bar do Marujo. Lá tem uma figura, um desses seres quase mitológicos que vivem nos bares. Por sinal, ele figura em dois de meus romances. Enquanto refletia sobre a foto que iria estampar meu primeiro trabalho a ser publicado, fui abordado por ele: Quer fazer uma fezinha, doutor?

Mundinho. Raimundo, vulgo Mundinho, é um desses que vivem de pequenos bicos ilegais. Faz jogo do bicho e vende entorpecentes no Bar do Marujo há mais de vinte e cinco anos. Sua mãe o prometeu à Virgem Maria. Queria uma menina, mas veio ele. Mesmo assim, ela pôs Maria em seu nome. Raimundo Maria Silva. Mundinho é um cara descolado, ginga de malandro e uma cara feia mas muito mais expressiva do que a minha. Achei que podia ser bacana ter a sua cara no lugar da minha.

É claro que eu teria que consultar o Paulo Schiavino, que era quem desenhava as HQs. Por sorte o Paulo, que era ainda mais tímido que eu, concordou. Mais que isso, ele sugeriu: Por que não criamos um personagem?

Foi o que fizemos. Depois de relutar um pouco, Mundinho acabou topando em troca de uma dose de pinga.

Voltemos a Oliver. Um dia Martha preparou um jantar importante em sua casa para um acionista gringo, Luis de Urquijo, e para o presidente brasileiro da multinacional. O jantar se deu nesse dia em que recebi a tal moeda e comi a omelete. Honestamente, ainda tenho dúvidas sobre qual dos dois fatos nos ligou.

Oliver chegou em casa depois de dar aulas no Lycée Louis-le-Grand e, embora Martha tivesse contratado um bufê com chef de cozinha e tudo mais, estava nervosa e apreensiva. Por isso, quando entrou no quarto e viu que Oliver, em vez de estar no banho, assistia um filme pornô retrô no laptop e desenhava, teve um chique daqueles. Tentando acalmá-la, Oliver se justificou explicando que acabara de ter uma ideia para fazer uma história em quadrinhos.

Esse foi o primeiro sinal, ou sintoma, de nossa estranha conexão. De qualquer forma, Oliver tomou seu banho, se vestiu apropriadamente e se manteve calado e discreto quando as visitas chegaram. Mas, durante o jantar, ele se pôs a soltar frases aparentemente desconexas e chulas.

Começou quando o sr. Gonçalo Lobo Guedes, o presidente brasileiro do laboratório, perguntou: E então, Oliver, como vai o colégio? Oliver respondeu: *Mierda, una sección que parecía un tronco de árbol. Mi culo en carne viva. ¡Ay, caramba! Migas de pan hechas.*

E ao representante espanhol tristemente falou: *Quiero chuparle la jeba. ¡Entonces usted follar mi coño hasta que el robado silbato! ¡Caracoles! ¡Maldita carambola, eita conga!*

E, quando Martha, surtada, gritou com ele: Você está louco?, ele respondeu: *El Diablo tiene patas verdes mientras abro una esfiba, uno xoxotão mismo, cálido y color de rosa...*

E tudo isso por minha culpa. Se eu pudesse imaginar que um pequeno hobby iria um dia chegar e se manifestar através de um, até então, estranho, nunca teria brincado com o Google Tradutor.

Porque era isso. Ora digitava frases quando estava irritado, ora me excitava ao ouvir aquela voz dizendo coisas obscenas. As frases mais engraçadas eu copiava e colava no Word. Afinal, sou um escritor, e para um escritor tudo pode ser matéria-prima um dia, se ele souber guardar. Por isso, coleciono um

monte de coisas aparentemente inúteis. Alguns já me acusaram de ser um colecionista, mas garanto que esses nunca escreveram um romance.

A partir de um anagrama de meu nome, eu e o Paulo criamos um autor. Lourenço Mutarelli. Assim assinamos nossa primeira parceria. Quanto ao Mundinho, nem precisamos tirar a foto. Quando explicamos o plano, ele disse que tinha uma “da hora” que um colega seu tinha feito.

A foto era emblemática o bastante e a usamos em nosso álbum de estreia, *Transsubstanciação*. A foto mostra Mundinho caído de bruços num trilho de trem. Mundinho disse que foi tirada em Peruíbe.

Ironicamente, Paulo morreria atropelado em 30 de outubro de 2005, um dia depois de terminarmos *A caixa de areia*, nossa última parceria. Na foto da perícia a pose de Paulo morto era idêntica à de Mundinho no trilho do trem.

Que Deus o tenha.

Com a morte de Paulo, tive que me virar sozinho, por isso abandonei os quadrinhos e passei a escrever livros.

O cheiro do ralo é o primeiro título de minha carreira solo.